

*Estudos*



Agostinho Araújo

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto*

## *Robert C. Smith e o estudo da pintura votiva luso-brasileira\**

### Resumo

Entre 1964 e 1972 Robert Chester Smith publicou cinco estudos sobre ex-votos pintados portugueses, incluindo um olhar atento à presença desta arte no Brasil dos séculos XVIII e XIX. Outras referências, dispersas por diferentes textos, confirmam o interesse e a decisiva contribuição do historiador norte-americano na matéria, que ainda não foram devidamente reconhecidos.

Procura-se por isso esclarecer que a sua abordagem, erudita, dinâmica e sempre apaixonada explorou certos insubstituíveis documentos visuais, mas soube ultrapassar o dever do *expert* em mobiliário, seleccionando exemplos e argumentos para uma importante valorização crítica.

E que em tal percurso contou, tal como de há muito se sabe em relação às áreas dominantes do seu trabalho, com a receptividade entusiasta e colaborante dos estudiosos e do público interessado.

### Abstract

Between 1964 and 1972, Robert Chester Smith published five studies on painted Portuguese woodcarvings, including an attentive look at this art form in Brazil, particularly in the 18th and 19th centuries. Further references confirm the interest and decisive contribution of the North American historian on this matter, which has not been properly recognized yet.

---

\* Da comunicação apresentada ao *V Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte - "A Arte no Mundo Português dos séculos XVI-XVII-XVIII"* (Faro, Universidade do Algarve, 25 a 29 de Setembro de 2001) este texto constitui uma versão revista e também ampliada, mormente com aporções documentais. Lamentando não nos ter sido possível concluí-la em tempo útil para as respectivas Actas, queremos todavia manifestar aqui o nosso reconhecimento aos colegas do Departamento de História e Arqueologia da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais daquela Universidade, Professores Doutores José Eduardo Capa Horta Correia e Francisco Ildefonso da Claudina Lameira, Comissão Organizadora que nos honrou com o seu convite para participar naquela reunião científica.

The overriding aim is to highlight how his approach went beyond the use of certain irreplaceable “visual documents”, by selecting examples and arguments towards a significant critical appreciation.

And to that end, he counted on the enthusiasm and collaboration with which the scholars and the interested public received his work.

### Ponto de partida

Robert C. Smith<sup>1</sup> não olha como um antropólogo. O conceito de ex-voto que o ocupa<sup>2</sup> é histórico e restritivo, circunscreve-se à *tabula picta*, ou, mais precisamente e dentro desta, à sua tipologia narrativa. Viria a percorrê-la, com efeito, em sondagens breves mas fulgurantes, na cronologia central que vai da segunda metade do século XVII até “aos bons tempos de D. Luís (...), último reinado em que valeram as pinturas de ex-voto, como fontes de informações específicas sobre a indumentária e o mobiliário portugueses, tendo sido, pouco a pouco, substituídas por retratos fotográficos ou efígies de cera (...)”<sup>3</sup>.

Na verdade, o que, inicialmente, move o historiador norte-americano é um valor documental específico, o que, de resto (embora sem consequência...), já fora apontado, e de maneira bem sugestiva, anos atrás: “Não deixaremos de citar um elemento curioso e típico que tem de ser consultado. É uma manifestação enternecida que a crença religiosa tem produzido. Especialmente nas sacristias das igrejas, é vulgar encontrarem-se recordações votivas que são, ao mesmo tempo, documentos ingênuos em que se patenteiam momentos aflitivos de doença ou de adversidade. Desenhos, aguarelas, toscas iluminuras ocupam centenas de quadros dependurados piedosamente.

Representam-se neles, interiores, como quartos de dormir, salas de estar e outros aposentos, decorando-os de mobiliário, e pintando as cenas, os aspectos a recordar, com certa minudência, às vezes. O artista ou o *curioso* desce a pormenores interessantes. Por isso, não é raro observar nesses *descritivos* muitas peças de móveis antigos cuja forma e ornamentação não é ocioso fixar, levando, é claro,

<sup>1</sup> Vd., por todos, AA. VV. - *Robert C. Smith 1912-1975. A investigação na História de Arte*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

<sup>2</sup> SMITH, Robert C. - “Alguns Ex-Votos do Museu Etnográfico da Póvoa de Varzim”, *Boletim Cultural Póvoa de Varzim*, vol. III, n.º 2. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1964, pp. 167-176 (6 ilustrações; com separata); IDEM - *Pinturas de ex-votos existentes em Matosinhos e outros santuários portugueses*. Prefácio de Manuel Seabra. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, 1966 (15 pp., 26 ilust.); IDEM - “Ex-voto paintings of the late 18th. century”, *The Journal of the American Portuguese Cultural Society*, vol. I, n.º 2. New York: s/n, 1967, pp. 21-30 (4 ilust.); IDEM - “Duas tábuas votivas do norte de Portugal”, *V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, Coimbra, 1963. Actas, vol. V. Coimbra: s/n, 1968, pp. 117-121 (2 ilust.; c/ sep.); e IDEM - “O carácter da tábua votiva luso-brasileira”, *Colóquio Artes*, n.º 6. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972, pp. 58-62 (9 ilust.).

<sup>3</sup> IDEM - *Pinturas de ex-votos existentes...*, ob. cit., p. 14.

em linha de conta, a fantasia e a deficiência do trabalho. Há centenas, para não dizer milhares, desses elementos, espalhados, de preferência, pelos santuários de maior devoção. Esse costume data de tempos relativamente afastados, havendo espécimes do século XVII, XVIII e XIX que muito podem sugerir subsídios de estudo para o mobiliário português<sup>4</sup>.

### Causa próxima

Possivelmente, já há algum tempo que Smith vinha a examinar e fotografar ex-votos pintados, para apoio visual de estudo; e a produção de diapositivos convinha em especial à ilustração das suas renomadas conferências sobre arte do Brasil e de Portugal, versando quase sempre os séculos de Seiscentos e Setecentos e os sectores de sua preferência, como o do mobiliário.

A época a que nos reportamos assistiu, aliás, a uma notável expansão do número e qualidade das acções de divulgação por parte dos investigadores do património arquitectónico e artístico<sup>5</sup>, e mais marcadamente em áreas tidas como de primeira linha na ânsia de um reconhecimento identitário nacional: “Numa sala do Palácio Foz, realizou-se uma sessão promovida pela Liga Católica Feminina, a que presidiu o Cónego Franco Infante, durante a qual o Eng.º Santos Simões falou acerca de *O Azulejo e o seu Contributo para a Iconografia Mariana*.

(...) Com o auxílio de diapositivos, o Eng.º Santos Simões mostrou alguns azulejos exemplificativos do tema em questão e terminou por afirmar que, na medida em que o azulejo é uma modalidade artística especificadamente portuguesa – na sua monumentalidade e aplicações – não é para admirar que os temas tirados da vida e mistérios de Nossa Senhora tenham tido nele um magnífico intérprete<sup>6</sup>.

Ora, no Verão de 1963, Smith começa a evoluir desta base documentalista e didáctica, em que avulta a instrumentalização da fotografia e mormente do diapositivo, ao aceitar um convite muito preciso formulado pelo historiador poveiro Flávio Gonçalves: “Tive o maior prazer em receber a sua prezada carta pela qual mando profundos agradecimentos assim como também pelas informações

---

<sup>4</sup> BRITO, Nogueira de - *O Nosso Mobiliário*. Porto: Lello & Irmão - Editores, s/d (colec. “Enciclopédia pela Imagem”), p. 55. Note-se que Francisco Nogueira de Brito faleceu a 24 de Novembro de 1946 – cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XVIII. Lisboa / Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada, s/d, p. 829.

<sup>5</sup> Lembremos, por exemplo, a participação de Smith, ao lado de Reynaldo dos Santos, Carlos de Azevedo, Abel de Moura, Mário Tavares Chicó, Augusto Cardoso Pinto, João Miguel dos Santos Simões e João Couto, no *I Ciclo de Conferências de História de Arte em Portugal*, levado a cabo pela Gulbenkian entre 26 de Abril e 14 de Junho de 1961 – cf. PERDIGÃO, José de Azeredo, “Prefácio” a Robert C. Smith - *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça. Escultor beneditino do século XVIII*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972, p. 13.

<sup>6</sup> “Conferência”, *O Primeiro de Janeiro*. Porto: 29 de Abril de 1961, p. 5.

e publicações que me deu. (...) Lembrando-me da sua amável proposta de visitar comigo a coleção de ex-votos do Museu da Póvoa de Varzim, queria dizer-lhe que tenciono lá ir terça-feira à tarde, em volta das três horas. Teria o maior gosto em encontrar V. Ex.<sup>a</sup> no Museu a esta hora ou um pouco mais tarde. Se não lhe for possível ir, não é preciso avisar. Nesse caso, deixo em sua casa a pequena publicação minha que lhe queria oferecer (...)”<sup>7</sup>.

Na missiva seguinte a realização da visita está confirmada: “(...) Tenho o maior prazer em lhe mandar esta fotografia do quadro de Sta. Clara existente no Museu da Póvoa de Varzim, estimando que seja útil<sup>8</sup> nos importantes estudos que está, com tanto brilho, realizando, dentro dos campos da iconografia e da história da arte”<sup>9</sup>.

Regressado mais uma vez a Portugal, pelos meados do ano seguinte o professor norte-americano preparava-se para acabar e entregar o seu primeiro artigo sobre pintura votiva, o que fez, de resto, sem demora: “Proponho, portanto, ir visitá-lo, se não tiver outro compromisso, no proximo Sabado dia 20. Podemos encontrar-nos no Museu da Póvoa as 14.30 horas. Levarei todos os negativos que tenho de tábuas votivas, para já começar a trabalhar<sup>10</sup>; (...) Tenho prazer em lhe dizer que tenho já pronta uma primeira versão do artigo, que me convidou fazer. Espero poder juntar as notas e fazer outros toques necessários antes de Domingo, quando gostava de ir para a Póvoa afim de lh’o entregar (...)”<sup>11</sup>; Tive muita pena em não o ver hoje à tarde quando fomos à Póvoa, entregar o prometido estudo dos ex-votos<sup>12</sup>; (...) Mas consegui o essencial – que foi entregar-lhe o pequeno estudo que prometera<sup>13</sup>; (...) Mas, em todo o caso, queria entregar aquele manuscrito e fiz. Estou muito contente que o ache aceitável e, logo que voltar de Lisboa, por-me-ei em contacto consigo para marcar um encontro, quando poderemos tratar de este e de outros assuntos”<sup>14</sup>.

## Método

Smith examinou numerosos ex-votos *in situ*, a grande maioria dos quais,

---

<sup>7</sup> Carta de R. C. S. (Maia) para F. G. (Póvoa de Varzim), 1963/08/10. Agradecemos a consulta desta correspondência à Exm.<sup>a</sup> Senhora Dr.<sup>a</sup> Maria José Vales Fernandes, sem cuja generosa compreensão e amizade o desejado aprofundamento do nosso trabalho não teria sido possível.

<sup>8</sup> Viria de facto a sê-lo, mas bastante depois, ilustrando um artigo elaborado a nosso pedido – cf. GONÇALVES, Flávio - “Duas notas vilacondenses”, *Boletim Cultural do Ginásio Clube Vilacondense*, n.º 6. Vila do Conde: Ginásio Clube Vilacondense, 1980, p. 54.

<sup>9</sup> Carta de R. C. S. (Lisboa) para F. G. (Póvoa de Varzim), 1963/08/29.

<sup>10</sup> Bilhete postal de R. C. S. (Maia) para F. G. (Póvoa de Varzim), 1964/06/15.

<sup>11</sup> Bilhete postal de R. C. S. (Maia) para F. G. (Póvoa de Varzim), 1964/07/22.

<sup>12</sup> Carta de R. C. S. (Maia) para F. G. (Póvoa de Varzim), 1964/07/26.

<sup>13</sup> Bilhete postal de R. C. S. (Maia) para F. G. (Póvoa de Varzim), 1964/07/27.

<sup>14</sup> Bilhete postal de R. C. S. (Maia) para F. G. (Póvoa de Varzim), 1964/07/28.

possivelmente, na circunstância de visitas programadas em função dos objectos, arquitectónicos e artísticos, prioritários no seu esforço. Já a deslocação a certos museus teve por certo uma motivação mais direccionada para o conhecimento dos *milagres*.

Mas sabemos ainda do seu interesse em aceder a casas de colecionadores: “Peço, ao mesmo tempo, que não se esqueça do meu desejo de ver a táboa votiva do Sr. José Régio (...)”<sup>15</sup>. Flávio Gonçalves não deixou, como sempre, de tratar do assunto: “Serve porém esta carta para lhe dizer que recebi um postal do Prof. Robert Smith confirmando o desejo que tem de ir, no próximo domingo, a sua casa, pelas 15h 30m, a fim de fotografar o ex-voto”<sup>16</sup>. Pelos começos da Primavera ainda tal não tinha acontecido: “O Prof. Smith já regressou da Itália, e tem estado comigo. Creio, todavia, que pensa fotografar as suas tábuas votivas só depois da Páscoa”<sup>17</sup>.

Não esquecia também a deambulação pelas lojas dos negociantes de antiguidades: “Estive rapidamente na Póvoa ontem à tarde, com um amigo coleccionador, e soubemos que o Dr. Gonçalves tinha estado na loja do sr. C., vendo ali o famoso retábulo, que quero ver no Sábado”<sup>18</sup>.

Como era habitual, executava quase sempre ele próprio as fotografias das peças escolhidas: “Estive hoje pela primeira vez na igreja de S. Torcato, onde fotografei alguns ex-votos”<sup>19</sup>. O editor da “dissertação sobre mobiliário português” enumeraria mesmo, entre os grandes méritos do opúsculo, e a par do “estilo notável pela sua sobriedade e excepcional acessibilidade de comunicação com o leitor”, o haver sido ilustrado “copiosamente com fotografias da sua autoria”<sup>20</sup>.

Sublinhemos que, enquanto principal registo do objecto, a fotografia obrigava, pela sensibilidade e prazer que nisso punha - conjugados com larga experiência, aquisições de melhor equipamento e constante aperfeiçoar no convívio com os

<sup>15</sup> Bilhete postal de R. C. S. (Maia) para F. G. (Póvoa de Varzim), 1964/12/13.

<sup>16</sup> Carta de F. G. (Póvoa de Varzim) para J. R. (Vila do Conde), 1965/01/06 - cf. MARQUES, João Francisco - *José Régio e Flávio Gonçalves. Os caminhos de uma amizade*. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1989 (sep. do *Boletim Cultural Póvoa de Varzim - Homenagem ao Dr. Flávio Gonçalves*, vol. XXVI, n.º 1), pp. 101-102.

<sup>17</sup> Carta de F. G. (Póvoa de Varzim) para J. R. (Vila do Conde), 1965/03/09 - cf. IDEM - *Ibidem*, p. 106.

<sup>18</sup> Bilhete postal de R. C. S. (Maia) para F. G. (Póvoa de Varzim), 1964/08/26. Cremos tratar-se do antiquário Joaquim Gonçalves Carneiro que negociava também em pintura votiva (informação oral que nos transmitiu o seu colaborador Sr. Alfredo Milhazes em 1977, quando preparávamos a *Exposição de Tábuas Votivas de Vila do Conde e seu Concelho*).

<sup>19</sup> Bilhete postal de R. C. S. (Maia) para F. G. (Póvoa de Varzim), 1965/08/13.

<sup>20</sup> SEABRA, Manuel - “Prefácio” a Robert C. Smith - *Pinturas de ex-votos existentes...*, p. 3.

profissionais<sup>21</sup> - a estender (por vezes muito longamente) a observação, alimentando assim as zonas mais profundas da memória.

Muitas vezes, ao primeiro contacto e alegria da descoberta sucedia outra visita, pelo menos, para recolher mais informações e, sobretudo, morosamente fotografar: “Sei que não recebeu o postal que lhe mandei, dizendo que vinha, porque a sua empregada me disse, dirigindo-me para o Diana-Bar, onde havia tanta gente que foi impossível penetrar. Fugimos logo para a igreja da Lapa<sup>22</sup>, onde descobrimos um belo ex-voto, de 1759, mostrando um pretinho que bailava e gritava a sua alegria, sabendo que o patrão, João Costa, de São Simam, foi curado pela mesma Senhora. Depois fomos, pela primeira vez, à igreja de N. Sra. dos Anjos, de Azurara, onde deparamos com a magnífica talha, que hemos de fotografar minuciosamente. Lá também, há bons ex-votos, inclusive a grande tábuca de 1720, que é, sem dúvida alguma, uma das melhores peças no género, aqui em Portugal<sup>23</sup>; (...) Na semana passada combinei com o zelador de N. Sra. dos Anjos para voltar, e fotografar tudo, na tarde do dia 2 (prox. Domingo). Terei muito gosto, se quiser acompanhar-me. Assim, irei à sua procura às 15 horas<sup>24</sup>.”

Procedia mais tarde à análise, descrevendo e comentando, com recurso a alguma bibliografia: “Lembra-se daquela tarde magnífica passada na Póvoa de Varzim, quando teve a imensa gentileza de me mostrar os quadrinhos do Senhor da Prisão? Depois fomos consultar o artigo de Rocha Peixoto, sobre os *ex-votos*, que eu depois li, com mais cuidado, na Biblioteca Nacional de Lisboa<sup>25</sup>.”

O apoio de Flávio Gonçalves manter-se-ia assíduo: “Já li com sumo interesse o artigo de C. Marques sobre *ex-votos*<sup>26</sup>.”

E seria fundamental no último estudo, que Smith delineou com mais audácia: “Finalmente, mais um pedido. Terá a gentileza de passar os olhos por cima da bibliografia sobre *ex-votos* que preparei, desde a obra de Rocha Soares [*sic*]. Falta o lugar de publicação do trabalho do Gama<sup>27</sup>. Não sei se vale a pena, pois não o conheço pessoalmente, tendo-o encontrado na lista de obras no livro do falecido Lapa<sup>28</sup>. É bem possível que o meu amigo conheça outras obras de valor

---

<sup>21</sup> Para além das suas andanças pela Europa e Américas, trabalhou entre nós com fotógrafos de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Póvoa de Varzim...

<sup>22</sup> De Vila do Conde.

<sup>23</sup> Carta de R. C. S. (Maia) para F. G. (Póvoa de Varzim), 1964/07/26.

<sup>24</sup> Bilhete postal de R. C. S. (Maia) para F. G. (Póvoa de Varzim), 1964/07/31.

<sup>25</sup> Carta de R. C. S. (Filadélfia) para F. G. (Póvoa de Varzim), 1964/01/05.

<sup>26</sup> Carta de R. C. S. (Filadélfia) para F. G. (Porto), 1970/04/23. Trata-se do artigo do Padre MARQUES, Mário César - “Ex-votos de poveiros no Santuário da Abadia”, *Boletim Cultural Póvoa de Varzim*, vol. VIII, n.º 2. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1969, pp. 236-252.

<sup>27</sup> Refere-se a GAMA, Eurico - *O Senhor Jesus da Piedade de Elvas*. Elvas: s/n [edição do Autor], 1965, *maxime* pp. 241-283.

<sup>28</sup> Vd. *infra* nota n.º 110.

que me escaparam. Talvez publicadas no seu próprio e prestigioso órgão. Agradeço qualquer revisão que se me dignar fazer. Esta bibliografia entrará no meu artigo sobre Tábuas Votivas destinado à revista *Colóquio*<sup>29</sup>; (...) Agradeço a sua grande amabilidade em completar a bibliografia dos ex-votos para o meu respectivo artigo, entre cujas notas já a coloquei. Eu não incluí nela o trabalho notável de Rocha Soares, digo Peixoto, porque este tem outra nota especial anterior à geral, que trata meramente da bibliografia posterior à sua comunicação<sup>30</sup>.

Se exceptuarmos a óbvia ausência de exploração de fontes manuscritas, o método era genericamente o mesmo que aplicava ao estudo de outros objectos artísticos, dominantes na sua preferência, como a arquitectura, a escultura em madeira (e, muito especialmente, a arte da talha), o mobiliário e o azulejo.

Aqui, impunha-se principalmente aprofundar o confronto comparativo, procurando definir as características distintivas e alcançar bases de atribuição de forte razoabilidade, no respeito, todavia, pela prudência: “Não posso atribuí-la categoricamente, porque vejo certos pormenores que diferem da norma estabelecida nas outras pinturas do Mestre de Matosinhos. (...) É possível, porém, que todas estas diferenças fossem ditadas por quem encomendou (...). Se é deste artista, como julgo, o quadro (...) é dos mais ricos em pormenores interessantes (...)”<sup>31</sup>.

### Divulgação

Pelo final de 1967 pode ter começado a germinar, polarizada em volta do estudo da casa nobre de São João-o-Novo, a ideia de monografar a colecção de tábuas votivas do Museu de Etnografia e História ali sediado, ao exprimir a “vontade de fazer três estudos miúdos”, um a propósito de “cadeiras poveiras”, outro que seria “qualquer coisa sobre o palacio daquele museu” e um em especial sobre os seus ex-votos<sup>32</sup>.

Cerca de mês e meio depois já assegurara revista para publicar os seus “estudos sobre a casa e as tábuas votivas” e o entusiasmo abarcava ainda outra certeza: “Também teremos colóquio em Fevereiro acerca do segundo assunto<sup>33</sup>; (...) Pois bem, tenho grandes saudades de Entre Douro e Minho, como o meu Amigo pode calcular. Ao voltar no dia 21, para o colóquio do dia seguinte, espero ter mais sorte em me por ao seu dispor”<sup>34</sup>.

<sup>29</sup> Carta de R. C. S. (Filadélfia) para F. G. (Porto), 1971/06/08.

<sup>30</sup> Carta de R. C. S. (Filadélfia) para F. G. (Porto), 1971/06/26.

<sup>31</sup> SMITH, Robert C. - “Duas tábuas votivas...”, art. cit., pp. 117 e 118.

<sup>32</sup> Carta de R. C. S. (Filadélfia) para F. G. (Porto), 1967/12/08.

<sup>33</sup> Bilhete postal de R. C. S. (Maia) para F. G. (Porto), 1968/01/19.

<sup>34</sup> Carta de R. C. S. (Estoril) para F. G. (Porto), 1968/02/11.

Na verdade, o que se concretizou foi mais exactamente uma conferência, seguida de diálogo com alguns dos assistentes, acto de divulgação científica que nos importa acompanhar de muito perto<sup>35</sup>.

O estilo desta notícia pertence bem à prosa fácil mas certa e sabedora de Robert C. Smith. O “portanto” do início do último período do quarto parágrafo nunca poderia ser usado por um redactor do jornal portuense: trata-se de uma evidente confusão do autor com a língua francesa, que dizia falar desde que se conhecia - e não houve então aqui qualquer trabalho de lima de algum dos seus amigos portugueses em que mais confiava para o efeito. Por outro lado, o mesmo texto saíu, na mesma data, num outro periódico local, *ipsis verbis*... salvo o revelador emprego da primeira pessoa (“ventilei”, em vez de “ventilou”) no começo do quarto parágrafo<sup>36</sup>.

---

<sup>35</sup> “Realizou-se mais uma sessão de estudos de etnografia, no Museu de Etnografia e História do Porto, sob a presidência do seu Director, Dr. Fernando de Castro Pires de Lima.

Foi conferente o Prof. Robert C. Smith, que apresentou uma comunicação subordinada ao título: *Pinturas de ex-voto existentes em alguns santuários portugueses*.

O orador principiou por recordar que, em 1966, a Câmara Municipal de Matosinhos lhe fez a honra de editar um livro com o título acima mencionado, dizendo não ter conhecimento de outro livro que trate deste assunto. Subsequentemente, têm aparecido vários artigos seus acerca deste tema de tábuas votivas, que constantemente está despertando mais interesse entre o público culto português.

Nesse livro, ventilou a ideia de os ex-votos serem uma versão popular lusitana dos elegantes quadros de *genre* e de retratos de famílias inteiras, que abundaram no século XVIII na Inglaterra, na Holanda e em Veneza. Importantes pela preciosa documentação que oferecem a respeito de como foram mobilados os diversos quartos duma casa portuguesa dos séculos XVIII ou XIX, época por excelência dos ex-votos, fornecem também utilíssimas informações relativas à indumentária desses tempos passados. Constituem, ao mesmo tempo, uma expressão ingénua e comovedora da arte popular, cuja importância estilística é universalmente reconhecida. Raramente assinados, os ex-votos são como a talha e os azulejos produtos duma arte em grande parte anónima. Há portanto várias peças com nomes de autores, entre os quais uma pintura extraordinária que acaba de encontrar na igreja de Nossa Senhora do Castelo, de Mangualde, assinada em 1846 por António José Pereira, pintor muito conhecido em Viseu nesta época.

A principal colecção de ex-votos dentro da cidade do Porto é a do Museu de Etnografia e História, que acaba de estudar. Provenientes de diversas igrejas do Norte do País, oferecem uma variedade de assuntos e de estilos, correndo desde a austeridade dos três exemplares seiscentistas até o luxo e os requintes de certos interiores de estilo D. Maria I. A grande raridade da colecção é com certeza a pequena tábua oferecida por um desconhecido *preso e falsamente... acusado* em 1769, que mostra o encarcerado atrás das barras de uma janela da sua prisão. É um assunto único, como parece, na história do ex-voto setecentista.

Na bela colecção do Museu supracitado, há peças relacionadas com outras em diversos sítios, que parecem ser do mesmo autor. Assim, a linda tábua que uma certa Rita Rosa ofereceu a Nossa Senhora das Neves possui uma grande semelhança com a de Manuel Pereira e Sá, de Matosinhos. O *milagre* de D. Quitéria Luísa Fernanda e Meneses, de 1836, da colecção do Museu de Etnografia e História do Porto, faz logo pensar no quadro de Manuel José Pereira da Graça, de 1817, de S. Francisco de Guimarães.

Esta brilhante conferência foi largamente aplaudida, gerando-se vivo colóquio entre a numerosa assistência” - cf. “Colóquio de Estudos Etnográficos no Museu de Etnografia e História”, *O Comércio do Porto*, ano CXIV, n.º 65. Porto: 7 de Março de 1968, p. 5.

<sup>36</sup> “Colóquio de Estudos Etnográficos e História”, *Diário do Norte*, ano XIX, n.º 227. Porto: 7 de Março de 1968, p. 10.

Confirma-se, por conseguinte, a aceitação completa<sup>37</sup> por alguma imprensa do press-release, recurso que, como diversos outros, Smith mobilizou no freemim de visibilidade pública que foi - sobretudo para o grosso da sua produção, centrado no âmbito luso-brasileiro - o contraponto exaustivamente perseguido da dedicação votada ao estudo.

### Publicação

A qualificação dos órgãos onde fazia vir a lume os seus textos preocupava-o, como se verifica a propósito do famoso ensaio de Matosinhos: “Estou muito satisfeito de saber que o meu estudo dos *ex-votos* aparecerá como estudo avulso porque achei fraco o último numero de Boletim”<sup>38</sup>.

Em se tratando da edição dos livros, os seus cuidados multiplicavam-se, nada descurando até ao momento final: “O meu livro de Londres come todo o meu tempo, mas já está em grande parte revisto (...)”<sup>39</sup>; O livro de Londres está completamente acabado, com todas as notas, bibliografias, fotografias, transparências a cores em perfeita ordem”<sup>40</sup>.

Mas não deixava de vigiar o curso do mais singelo trabalhinho, mesmo *a posteriori*...: “Apareceu o meu artigo de N. Iorque sobre pinturas votivas mas com o título trocado! Eu escrevi *Tábuas votivas de Portugal* e o editor mudou para *Tábuas votivas do fim do século XVIII*. Vou ver se eles lh’o mandam. As reproduções são muito bonitas<sup>41</sup>; (...) As reproduções foram bem feitas e por esta razão vale a pena ser conhecido o artigo”<sup>42</sup>.

A fotografia tinha então, coerentemente, enquanto artista (fotógrafo) e cientista (historiador da arte), um lugar central no seu processo de trabalho, no princípio como no fim. No Outono de 1966, perante a suposta perda das ilustrações para *The Art of Portugal*, enviadas por correio de Nova Iorque para Londres, lamentava igualmente o extravio do artiguinho recém-elaborado para aproveitar a oportunidade de saída das Actas do V Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros: “Naturalmente pereceu também com lindas fotografias”<sup>43</sup>.

---

<sup>37</sup> “Como qualquer informação com características publicitárias ou de relações públicas, devem constituir apenas uma pista para um trabalho jornalístico independente” - cf. *Livro de Estilo*, 2.ª ed. Lisboa: Público, Março de 2005, p. 169b), s.v. “*press-releases*”.

<sup>38</sup> Carta de R. C. S. (Filadélfia) para F. G. (Póvoa de Varzim), 1966/03/21. A referência diz respeito ao *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*.

<sup>39</sup> Carta de R. C. S. (Filadélfia) para F. G. (Póvoa de Varzim), 1966/04/18.

<sup>40</sup> Carta de R. C. S. (Filadélfia) para F. G. (Póvoa de Varzim), 1966/05/09.

<sup>41</sup> Carta de R. C. S. (Glen Moore) para F. G. (Porto), 1967/03/16.

<sup>42</sup> Carta de R. C. S. (Filadélfia) para F. G. (Porto), 1967/08/26.

<sup>43</sup> Carta de R. C. S. (Filadélfia) para F. G. (Porto), 1966/11/30.

A imagem e o seu papel insubstituível na ligação com o público merecer-lhe-iam sempre, de facto, uma exigente atenção: “No mesmo número do Colóquio encontrei o meu artigo dos ex-votos. Tive pena em ver as estampas tão pequenas mas estão admiravelmente claras, não lhe parece? Oxalá que quando Frei José de Santo António finalmente aparece<sup>44</sup>, as suas serão tão nítidas como estas. A empresa é a mesma, se não me engano. As margens da grande tábua baiana digo bahiana foram facheusement recortadas, como fez o mesmo técnico quando elaborou o esquema do meu livro. Felizmente, já há quase dois anos, tive a sorte de ver as provas e protestando consegui que se restituíssem”<sup>45</sup>.

Outras vezes, era o estado de conservação da peça que, logo à partida, punha em causa a exigida qualidade: “É pena que esteja gasta, precisando muito de restauro, de modo que as fotografias resultam totalmente inadequadas, porque a cena é interessantíssima”<sup>46</sup>.

### Documentação vária: do traje... à talha

Alheio ao seu aproveitamento para o estudo da religiosidade popular, já não tanto ficou Smith em referência a certos aspectos sociais: algumas raras notações sinalizariam esta “fonte riquíssima para estudar a história das doenças em Portugal”<sup>47</sup>. Também, de modo fugaz embora, a indicou aos possíveis interessados em traços arquitectónicos: “a tábua votiva é do maior interesse pelo aspecto inédito que oferece de Guimarães”<sup>48</sup>. Ou linguísticos: “The figures (...) are depicted in blocks of brilliant color as compelling as the striking words of the legend at the foot of the painting, where archaic spelling, abbreviations and odd punctuation give the flavor of 18<sup>th</sup> century popular speech”<sup>49</sup>.

Mais pausadamente, viu nos ex-votos um manancial para “a indumentária doméstica regional, que sobrevive com tão profundo encanto nessas pequenas obras desprezíveis dos dois séculos passados”, as quais lhe dão “(...) uma compreensão que, dificilmente, por outros meios, seria adquirível”<sup>50</sup>.

A propósito – e, não menos, por nos servir ainda para ilustrar a ideia da importância do ex-voto como *retrato de grupo*, a que adiante voltaremos – vejamos como recomenda “(...) um outro painel, em que o pintor anónimo representou uma família inteira de Braga, ante o altar do Bom Jesus da Prisão. Aqui vem primeiro a figura ajoelhada do jovem e corpulento pai, Francisco José Vieira de Carvalho,

<sup>44</sup> Cf. *supra* nota n.º 5.

<sup>45</sup> Carta de R. C. S. (Filadélfia) para F. G. (Porto), 1972/04/04.

<sup>46</sup> SMITH, Robert C. - *Pinturas de ex-votos existentes...*, p. 13.

<sup>47</sup> IDEM - *Ibidem*, p. 5.

<sup>48</sup> IDEM - “Duas tábuas votivas...”, p. 120.

<sup>49</sup> IDEM - “Ex-voto paintings...”, art. cit., p. 22.

<sup>50</sup> IDEM - “Alguns Ex-Votos...”, art. cit., pp. 167 e 176.

com seu chapéu alto em destacada posição, ao seu lado, no chão. Segue-se-lhe a esposa, D. Antónia Rosa da Conceição, com o seu chapéu volumoso da época posto igualmente no chão. Usa um xaile, também característico da época, com uma pequena bolsa suspensa do braço. Finalmente aparece, sentada, uma criada, que vigia um menino dormindo, o Manuel José Vieira de Carvalho, que foi a causa do ex-voto. Explica a legenda deste interessantíssimo retrato que a criança, de 23 meses, foi atacada de uma gravíssima moléstia no dia 27 de Outubro de 1840, quando a família bracarense estava *a banhos nesta Villa da Póvoa de Varzim* e curada pelo Senhor da Prisão, cinco dias depois<sup>51</sup>.

O facto desta matéria estar fora do âmbito (aliás, vasto) de prática profissional a que se consagrara não o impedia de reconhecer a sua relevância antropológica e histórica, casando harmoniosamente a curiosidade intelectual pelo passado com a ligação afectiva às sobrevivências patrimoniais: “Penso constantemente na Póvoa, não sómente por causa da grande felicidade que cada visita me deu, mas também por motivo das duas camisolas que de lá levei. Em Lisboa, mandei fazer uma samarra ribatejana, que igualmente me tem dado grande satisfação, evocando diariamente tantas recordações saudosas de Portugal”<sup>52</sup>.

E essa empatia repercute com grande vigor na simplicidade dos seus *flashes*, como aquele em que aborda “uma pintura ainda mais rara (...) porque representa a intervenção de um santo não para salvar a vida ou curar alguém, mas a fim de restituir a um mercador de Guimarães os seus bens roubados”, vindo a particularizar “numerosas figuras mostrando o traje de 1817. Quase todos homens, têm uma diversidade de capas, samarras e gabões (o mês era Dezembro) além de vistosos coletes e chapéus de feltro preto”<sup>53</sup>.

Embora a tenha trabalhado com denodo, reconhece-se que a sua noção de *documento* não era exclusivamente a filológica. Logo ao realizar o primeiro exame global de um conjunto, destacou a unidade invocativa do “grupo mais considerável de ex-votos da colecção do museu poveiro, integrado no culto do Senhor da Prisão, cuja imagem foi venerada na antiga igreja da S.<sup>ta</sup> Casa da Misericórdia, da Póvoa de Varzim. Todos têm de comum a figura de Cristo de rosto doloroso, os braços atados e os pés descalços, com uma longa corda pendente do pescoço – como o povo costumava contemplá-lo nas representações tradicionais das Capelas dos Passos”<sup>54</sup>. Mas de imediato se recordou de uma das suas áreas eleitas de pesquisa histórico-artística, passando a ocupar-se de um subgrupo “constituído pelos painéis mostrando a imagem no seu altar dentro de um nicho formando

<sup>51</sup> IDEM - *Ibidem*, pp. 171-173.

<sup>52</sup> Carta de R. C. S. (Filadélfia) para F. G. (Póvoa de Varzim), 1964/01/05.

<sup>53</sup> SMITH, Robert C. - “Duas tábuas votivas...”, p. 120.

<sup>54</sup> IDEM - “Alguns Ex-Votos...”, pp. 170-171.

retábulo. Nas pinturas mais antigas, a talha representa a transição do rococó para o classicismo, na época 1795-1825. (...) Anos depois um segundo pintor tomou de novo o tema, dando, contudo, à talha, um carácter inteiramente clássico, no gosto daquela época. Executados sobre tela (...) esses exemplares são datados de 1840 e 1859 (...)”<sup>55</sup>.

Numa das raras incursões pelo património do sul, evocaria, “na igreja paroquial de N. S.<sup>a</sup> da Assunção, da Mexilhoeira Grande, no Algarve, (...) um lindo quadro de 1752, onde a família de José Ferreira *buticario* mostra-se ajoelhada perante um altar de frontal rico, sobre o qual se levanta um grandioso nicho de talha dourada abrigando uma imagem de S. Guilherme”<sup>56</sup>.

Outra referência é particularmente atenta, por se alargar às armações utilizadas nas festividades sacras: “The bed is occupied by Manuel Teixeira’s invalid daughter Rosa, for whom her parents have successfully invoked the relics of St. Walter, the patron of Guimarães, which are preserved in the local Franciscan church. The family is kneeling before these relics, shown as they were venerated at the time. The body of the saint, dressed in a Franciscan habit, is seen in a large glass box decorated with gilt woodcarving. This is set upon an altar of the late 18<sup>th</sup> century shape called urna, which is ornamented with relief sculpture in the last style of a great sculptor of the period, the Benedictine monk José de Sto. António Ferreira Vilaça (...). The relics are displayed beneath a canopy of damask with looped curtains and a valance of the sort still hung in churches on great ecclesiastical occasions”<sup>57</sup>.

E ainda no último artigo, brilhante esboço conciso e legado fecundo, voltaria à mais amada das disciplinas artísticas portuguesas, elegendo uma tábua “invulgar por ser de forma ovada, cercada de molduras decorativas e duma fita entalhada, compondo um caixilho extravagante comparável à cabeceira duma cama de estilo D. Maria I. A pintura mostra o sacerdote com o seu acólito ao pé de um altar, o qual juntamente com o respectivo retábulo possui entalhas neoclássicas”<sup>58</sup>.

### **Documentação do mobiliário e reconstituição de ambientes**

Recordemos que na época da visita ao Museu de Etnografia e História da Póvoa de Varzim e do convite para estudar a respectiva colecção de *milagres* Smith escrevia sobre mobiliário, norte-americano mas também português, área de especialidade em que terá porventura atingido a mais alta qualificação.

<sup>55</sup> IDEM - *Ibidem*, p. 171.

<sup>56</sup> IDEM - *Pinturas de ex-votos existentes...*, p. 11.

<sup>57</sup> IDEM - “Ex-voto paintings...”, p. 27.

<sup>58</sup> IDEM - “O carácter da tábua votiva...”, art. cit., p. 59.

Compreende-se, assim, que a génese do importantíssimo opúsculo *Pinturas de ex-votos existentes em Matosinhos e outros santuários portugueses*<sup>59</sup> tenha sido praticamente paralela à elaboração do primeiro artigo, inserto no Boletim Cultural do município poveiro, dirigido por Flávio Gonçalves: “Quando voltei aqui em Setembro puz-me logo a estudar o assunto do papel do movel no *ex-voto*. Tenho agora um pequeno estudo quase pronto (...)<sup>60</sup>; O meu estudo das tábuas votivas já está no prelo, em Coimbra, e deve aparecer em Junho”<sup>61</sup>.

Numa das várias referências *en passant*, Smith deixa mais uma vez perceber quanto lhe era familiar este tipo de pintura, o seu carácter de fonte visual e nele o aspecto particular que mais o cativava: “No Porto teve lugar uma *junta de quatro sirurgões*, o que nos evoca o tema de certas tábuas votivas da época, em que vários médicos especialistas se consultam em volta do leito do doente”<sup>62</sup>.

E não desdenharia sublinhar o mesmo (mas não exclusivamente, como veremos...) ao mencionar a pintura votiva na sua fundamental obra de referência sobre a Arte Portuguesa dos três séculos da Época Moderna: “These pictures most frequently show the client in bed in a setting which, like those of some of the painted tiles of the period, evokes contemporary interiors”<sup>63</sup>. De facto, cingia aí à obrigatória economia editorial a resultante de numerosas aplicações concretas, como esta: “Vestido de casaco azul, calções brancos e sapatos de fivela, aguarda, impotente, o médico, ao pé de uma magnífica cama estilo D. José I, cuja cabeceira dourada termina em volutas sustentando um *bico* de folhas de acanto”<sup>64</sup>.

Smith analisou estilisticamente os leitos mas reparando em estofos das cabeceiras, cortinados dos dosséis, colchas e lençóis: “The painter has noted with care the fine linen sheets edged with lace, for linen is a famous product of Guimarães, the town were the Portuguese nation was born”<sup>65</sup>.

Tratou também com segurança de mesas e cadeiras, elegantes molduras de quadros e anódinas grades de vidros das janelas, almofadas de portas ou tapetes, pranchas do soalho tanto quanto peças decorativas ou de devoção, etc., num encantamento de reconstituição dos ambientes interiores de facto contagiante: “Sobre uma pequena mesa, ao lado, coberta por um grande pano verde, estão vários objectos da época – um crucifixo, um frasco de vidro e duas tijelas de

<sup>59</sup> Só efectivamente publicado, como é sabido, em 1966 - cf. *supra* nota n.º 2.

<sup>60</sup> Carta de R. C. S. (Filadélfia) para F. G. (Póvoa de Varzim), 1964/01/05.

<sup>61</sup> Carta de R. C. S. (Filadélfia) para F. G. (Póvoa de Varzim), 1964/03/16.

<sup>62</sup> SMITH, Robert C. - “Os Banhos de Mar, na Póvoa de Varzim, no Século XVIII”, *Boletim Cultural Póvoa de Varzim*, vol. IV, n.º 2. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1965, p. 240.

<sup>63</sup> IDEM - *The Art of Portugal 1500-1800*. New York: Meredith Press, 1968, p. 206.

<sup>64</sup> IDEM - “Alguns Ex-Votos...”, p. 174.

<sup>65</sup> IDEM - “Ex-voto paintings...”, p. 27.

faiança de cor clara<sup>66</sup>; Por cima da alcova, na superfície caiada da parede, há três salvas de prata, cujas várias curvas e protuberâncias recordam o estilo chamado *de gomos* do fim do século XVII e começo do de XVIII<sup>67</sup>; Around the white plaster wall runs a frieze of small heart-shaped leaves, called *boxwood pattern* in some inventories of this period. The effect is not unlike that of painted walls in some New England and Long Island houses of around 1800, one of which is now installed in the American Museum in Britain<sup>68</sup>.

### Discussão crítica

Embora não podendo consagrar-lhe uma investigação mais ampla, não perdia uma oportunidade de se documentar melhor sobre a matéria, logo saltando ao seu olhar experiente as linhas determinantes da evolução histórica: “Encontrei aqui também um livro muito curioso - *Italian Votive Tablets*, de Arnaldo Ciarrocchi e Ermanno Mori, com mais de 125 estampas a cores<sup>69</sup>. As primeiras peças são do século XV, e, incontestavelmente as melhores, artisticamente. Há uma bibliografia magnífica, que inclui o trabalho de Rocha Peixoto<sup>70</sup>”.

Fruto do seu domínio da História da Arte do Ocidente, já por alta preparação académica já sobretudo por intensíssima prática de investigação científica, foi Smith quem pôde, pela primeira vez, valorizar a nossa pintura votiva enquanto manifestação artística. Em especial, ele viu os ex-votos *médicos* setecentistas como a correspondência portuguesa possível de determinadas categorias temáticas europeias suas contemporâneas. E, assim, iconograficamente preciosos – sem prejuízo de que, em alguns casos particulares, ainda se somam apreciáveis razões estéticas.

E proclamou esta evidência insistentemente, defendendo “a ideia de os-votos serem uma versão popular lusitana dos elegantes quadros de *genre* e de retratos de famílias inteiras, que abundaram no século XVIII na Inglaterra, na Holanda e em Veneza<sup>71</sup>; Estes interiores constituem uma das poucas aproximações portuguesas das pinturas de *genre*, tão comuns no Norte da Europa durante o século XVIII e início de Oitocentos (...)”<sup>72</sup>; (...) they are the only Portuguese equivalents to the numerous genre paintings and *conversation* pictures that abound in other

<sup>66</sup> IDEM - “Alguns Ex-Votos...”, p. 176.

<sup>67</sup> IDEM - “Duas tábuas votivas...”, p. 119.

<sup>68</sup> IDEM - “Ex-voto paintings...”, pp. 22 e 27.

<sup>69</sup> Edição original: *Le tavolette votive italiane*. Udine: Edizioni Doretti, 1960.

<sup>70</sup> Carta de R. C. S. (Filadélfia) para F. G. (Póvoa de Varzim), 1965/10/30.

<sup>71</sup> Conferência de finais de Fevereiro de 1968, cujo resumo atribuímos ao próprio Smith e divulgamos na íntegra - cf. *supra* nota n.º 35.

<sup>72</sup> SMITH, Robert C. - “O carácter da tábua votiva...”, p. 60.

countries, especially in England and the Netherlands<sup>73</sup>; Embora existam em todos os países de fé católica, os de Portugal revestem-se de mais significado talvez do que os de outras nações, pois aqui quase não há gravuras costumistas seis ou setecentistas nem as pinturas da vida diária que abundam lá fora. Os quadros de ex-voto, chamados, às vezes, *milagres*, são a melhor aproximação lusitana que há das pinturas inglesas do século XVIII chamadas *conversations pieces*, mostrando pessoas dentro das suas casas, ou das *vedute* venezianas de Setecentos, sobretudo de Pietro Longhi<sup>74</sup>.

E não duvidaria dar mesmo exemplos muito precisos: “Notável também é o sabor do quadro, que respira a satisfação das três pessoas: o doente, de braços cruzados, na cama; a mulher, sorridente, de joelhos; e o homem, de costas viradas, que aponta, gesticulando, a imagem milagrosa de Cristo. Excepcionalmente bem desenhada, a cena oferece a mesma vivacidade encontrada num quadro de género de Pietro Longhi, da escola veneziana de Setecentos”<sup>75</sup>.

Outras situações de inspirada intuição paralelística poderíamos apontar, no conjunto tão escasso de textos mas tão poderoso. Citemos assim, na leitura de uma peça vimaranense, como “the rigid attitude of the woman standing at the bedside vaguely recalls some of the folk portraits of the Connecticut River Valley of circa 1800”<sup>76</sup>; ou o “(...) ex-voto de Manuel Inácio, de Vila do Conde, de 1828, pintura popular tornada inolvidável por causa da dramática figura *goyesca* do meio da porta, levantando a sua mantilha branca para enxugar as lágrimas dos enormes olhos dolorosos”<sup>77</sup>.

Mas Smith foi ainda capaz de chegar à promoção inequívoca (simpática no melhor sentido, isto é: lúcida...) dos méritos do horizonte popular da arte, em particular destas “*miracle paintings*”, compreendendo que “occasionally (...), through ingenious stylization, powerful patterns or deep and tender perception, they go beyond mere documentation and lay claim to real aesthetic distinction”<sup>78</sup>, como certo “quadro que, apesar de marcadas deficiências técnicas sobretudo na perspectiva, respira uma verdadeira poesia lírica, que reside, em grande parte, nas delicadas tonalidades da própria pintura”<sup>79</sup>.

Fazia-o, seguramente, por sentida adesão pessoal. Mas reflectindo também o estímulo da mesma actualidade informativa que sempre almejou em múltiplos

<sup>73</sup> IDEM - “Ex-voto paintings...”, p. 30.

<sup>74</sup> IDEM - “Duas tábuas votivas...”, p. 121.

<sup>75</sup> IDEM - *Pinturas de ex-votos existentes...*, p. 11.

<sup>76</sup> IDEM - “Ex-voto paintings...”, p. 27.

<sup>77</sup> IDEM - “Alguns Ex-Votos...”, pp. 173-174.

<sup>78</sup> IDEM - “Ex-voto paintings...”, p. 21.

<sup>79</sup> IDEM - “Alguns Ex-Votos...”, p. 169.

domínios: “A pintura popular, em todas as suas expressões, é alvo, hoje em dia, de uma estima nova, não somente pela sua qualidade artística, como também pelo seu conteúdo, às vezes precioso. Nasceu este novo interesse entre críticos e colecionadores, que, por intermédio de exposições e escritos, têm conseguido abrir os olhos do grande público às virtudes incontestáveis desta forma de observar e recordar, sem convenções académicas, a vida e os costumes de passadas épocas<sup>80</sup>; Mais recentemente, as pinturas de promessas começaram a adquirir valor estético, graças à nova estimação dos críticos pela arte popular, dando entrada em museus regionais e colecções particulares<sup>81</sup>; (...) os ex-votos (...) constituem, ao mesmo tempo, uma expressão ingénua e comovedora da arte popular, cuja importância estilística é universalmente reconhecida<sup>82</sup>; A pintura de ex-votos, na realidade, só lentamente conquistou o interesse dos estudiosos e colecionadores que apenas há dez anos começaram a lhe prestar a merecida atenção. Hoje em dia, contudo, os velhos quadros, cuidadosamente restaurados e conservados por indivíduos, museus e irmandades, são largamente respeitados pelo seu valor histórico-social, assim como também pelo seu carácter artístico que em muitos aspectos revela valores estéticos e pontos de vista técnicos paralelos aos da pintura *erudita* dos nossos tempos”<sup>83</sup>.

### **Autoria**

A apologia de uma certa tríade disciplinar surge recorrentemente em Smith, na busca de uma singularidade nacional de que o povo humilde e mais ou menos obscuro seria o principal agente: “Raramente assinados, os ex-votos são com a talha e os azulejos produtos duma arte em grande parte anónima”<sup>84</sup>. Não obstante, é inegável que a identificação dos autores foi uma das suas obsessões e muitas figuras, de variável craveira, foram por ele iluminadas.

“Quem fez?” – a primeira pergunta, que partindo do maravilhamento da descoberta fazia desencadear o processo da investigação científica, também neste pequeno mas tão estimulante capítulo da sua obra ecoou, embora estivesse bem consciente do atraso da investigação, do longo caminho a percorrer (mas não por si...) e das dificuldades de acesso a respostas: “These four ex-votos are typical of a kind of simple and unpretentious folk painting of which as yet we know little. In spite of the fact that as early as 1905 the distinguished ethnologist of Póvoa de Varzim, António Augusto da Rocha Peixoto, called attention to their value in

<sup>80</sup> IDEM - *Ibidem*, p. 167.

<sup>81</sup> IDEM - *Pinturas de ex-votos existentes...*, p. 6.

<sup>82</sup> Conferência de finais de Fevereiro de 1968 - cf. *supra* nota n.º 35.

<sup>83</sup> IDEM - “O carácter da tábua votiva...”, p. 58.

<sup>84</sup> Conferência de finais de Fevereiro de 1968 - cf. *supra* nota n.º 35.

evoking the Portuguese past, no systematic study has as yet been made of these *miracle* pictures and their largely anonymous authors<sup>85</sup>; Até agora os autores das tábuas votivas portuguesas têm ficado quase todos desconhecidos. Espero que (...) seja possível deslindá-lo mais adequadamente no futuro<sup>86</sup>; Os quadros são quase todos de autoria anónima. Às vezes aparece uma pintura assinada, como uma que celebra um milagre de N. S.<sup>a</sup> das Necessidades, executada em 1843 por Manuel Luís Roiz Teixeira, hoje numa colecção particular. Com o estudo mais rigoroso do assunto, é provável que se descubram os nomes de outros pintores<sup>87</sup>.

E também não ignorava a obra votiva de pintores mais ou menos instruídos: “Há (...) várias peças com nomes de autores, entre os quais uma pintura extraordinária que acaba de encontrar na igreja de Nossa Senhora do Castelo, de Mangualde, assinada em 1846 por António José Pereira, pintor muito conhecido em Viseu nesta época”<sup>88</sup>.

No tocante a esta atracção pela problemática da autoria, tão constante na sua *démarche* em geral, é necessário vincar que, prendendo-se à partida a uma exploração de documentos visuais em prol do estudo particular da cama (e achando-se à chegada confortavelmente firmado como um contributo notável para o conhecimento do mobiliário doméstico português dos séculos XVII a XIX), o texto de Matosinhos se abriu ainda, por força da inteligência objectiva e não redutora de Smith, a outras valências.

Por isso, vale a pena, sobretudo por estarmos perante uma das maiores autoridades mundiais do seu tempo na investigação formalista em mobiliário, ouvi-lo confessar: “Para mim a coisa mais interessante, que surgiu deste trabalho, foi a oportunidade de identificar 6 ou 7 obras do mesmo pintor, que trabalhou em Matosinhos, entre 1745 e 1765. Infelizmente não consegui identificar o nome, o que não é de estranhar, dada a natureza popular deste género de trabalho”<sup>89</sup>. Dentro da escassa disponibilidade de que dispunha, é bem sintomático que tenha procurado completar o seu conhecimento do mesmo artista: “Agora, das suas ricas arrecadações, a S.<sup>ta</sup> Casa tirou mais uma peça, de extraordinário interesse (...), em que vejo outro trabalho do anónimo pintor de Matosinhos. Como esta nova pintura não entrou no meu livrinho, aproveito esta oportunidade de a publicar nas Actas do Colóquio de Coimbra (...)”<sup>90</sup>.

<sup>85</sup> IDEM - “Ex-voto paintings...”, p. 30.

<sup>86</sup> IDEM - “Duas tábuas votivas...”, p. 121.

<sup>87</sup> IDEM - *Pinturas de ex-votos existentes...*, p. 14.

<sup>88</sup> Conferência de finais de Fevereiro de 1968 - cf. *supra* nota n.º 35.

<sup>89</sup> Carta de R. C. S. (Filadélfia) para F. G. (Póvoa de Varzim), 1964/01/05.

<sup>90</sup> SMITH, Robert C. - “Duas tábuas votivas...”, p. 117.

Este seria, de certo modo, o seu autor preferido, seleccionado para o galarim de *The Art of Portugal*: “One of the best is the anonymous ex-voto of Manuel Pereira of 1754, which has a rare representation of an alcove bed, with carved William-and-Mary-style chairs and portraits and faience plates on the wall. It is probably the work of an unknown painter who was active for several decades at the church of Matosinhos outside Oporto, where he turned out what seem to be the closest Portuguese approach to the contemporary *conversation pieces* of London and Venice”<sup>91</sup>.

Outros exemplos do seu esforço de atribuição autoral se podem apontar. Em Agosto de 1965 congratula-se em S. Torcato por mais um pequeno avanço: “Nada especial, mas consegui identificar obras de 2 mestres de mim desconhecidos. Há certas convenções que distinguem a zona de Guimarães”<sup>92</sup>.

Numa manhã dos fins de Janeiro de 1968 conseguiu concluir o registo fotográfico dos *milagres* do Museu de São João-o-Novo, elegendo: “Surgiu um, o maior de todos, é pintado em tela, que me parece ser obra do pintor que fez outro muito semelhante que encontrei em S. Francisco, de Guimarães”<sup>93</sup>. E logo no mês seguinte divulgaria a sua opinião: “O *milagre* de D. Quitéria Luísa Fernanda e Meneses, de 1836, da colecção do Museu de Etnografia e História do Porto, faz logo pensar no quadro de Manuel José Pereira da Graça, de 1817, de S. Francisco de Guimarães”<sup>94</sup>.

Com efeito, em várias oportunidades procurou demonstrar na prática a sua convicção de ser possível “(...) distinguir os estilos de diversos pintores modestos, que trabalharam na execução de ex-votos destinados aos santuários do norte”<sup>95</sup>.

Mas deve-se ainda a Smith o ter percebido (e, o que é bem mais, defendido, contra clichés instalados...) o carácter socioculturalmente vertical da pintura votiva - e, daí, a sua grande valia histórica.

Sem contestação das dominâncias quantitativas, não deixou porém de o exemplificar em várias oportunidades, como quando mostrou, nas obras de um anónimo *mestre* activo nas duas primeiras décadas de Oitocentos, “(...) uma qualidade técnica e, talvez ainda mais, uma atitude, da parte do artista, que ultrapassa os limites da pintura popular”, dadas “(...) uma finura de observação, como no desenho das mãos e na representação do modo de andar do Salvador, uma delicadeza espiritual na comunicação que existe entre as duas figuras e, finalmente,

<sup>91</sup> IDEM - *The Art of Portugal...*, ob. cit., p. 206.

<sup>92</sup> Bilhete postal de R. C. S. (Maia) para F. G. (Póvoa de Varzim), 1965/08/13.

<sup>93</sup> Bilhete postal de R. C. S. (s/l - Maia?) para F. G. (Porto), 1968/01/28.

<sup>94</sup> Conferência de finais de Fevereiro de 1968 - cf. *supra* nota n.º 35.

<sup>95</sup> SMITH, R. C. - “Alguns Ex-Votos...”, p. 168.

<sup>96</sup> IDEM - *Ibidem*, p. 176.

a realização de uma certa impressão de espaço, que o quadrinho com certeza tem”<sup>96</sup>. E não hesitou em o destacar inequivocamente: “(...) o único autor de todo o grupo de ex-votos expostos (...) que soube modelar as suas figuras, o único a sair das convenções lineares que neste campo da pintura sempre prevaleceram”, tal como já antes havia notado o seu mérito “(...) na maneira de desenhar o leito, visto de cima, na disposição da roupa, na posição da doente, e sobretudo na beleza e frescura das suas cores (...)”<sup>97</sup>.

### Síntese

No início de Agosto de 1971 Smith rejubila por ter finalmente enviado para Lisboa o “artigo sobre o significado estético dos ex-votos, depois de demora affreuse (...)”<sup>98</sup>.

Creemos que este ensaio, brevíssima mas inspirada antologia de temas e soluções plásticas, terá partido de uma amostragem representativa, sucessivamente decantada. Amostragem mais ampla e diversificada, pelo menos, que as que usou nos casos do Museu da Póvoa de Varzim (a grande maioria das peças referente à devoção do Senhor da Prisão da Igreja da Misericórdia local) e mesmo do estudo editado em Matosinhos (com foco no acervo do Bom Jesus de Bouças e, por outro lado, numa pequena escolha – “Last year I published a small selection of the best I could find (...)”<sup>99</sup> – ilustrativa do mobiliário, de facto não cobrindo a realidade nacional). E, por isso, mais próxima do levantamento efectuado no Museu de Etnografia e História do Porto.

Este foi claramente uma das bases a que recorreu, já que a “principal colecção de ex-votos dentro da cidade do Porto” reunia um conjunto de exemplares “provenientes de diversas igrejas do Norte do País” e oferecia o que expeditamente agora lhe convinha: “uma variedade de assuntos e de estilos”<sup>100</sup>.

Mas, por outro lado, terá contado o conhecimento da realidade brasileira e, particularmente, baiana: “Estou chamado agora para ir tentar uma fotografia de um famoso ex-voto dos Remedios de Lamego, na igreja beneditina de Monserrate”<sup>101</sup>. Tratava-se do grande quadro do português Agostinho Pereira da Silva, peça de excepcional riqueza narrativa, autêntico “*tour de force* na tradicional pintura luso-brasileira de ex-votos, a qual representou uma actividade bastante desenvolvida nos dois países durante os séculos XVIII e XIX”<sup>102</sup>.

<sup>97</sup> IDEM - *Ibidem*.

<sup>98</sup> Carta de R. C. S. (Filadélfia) para F. G. (Porto), 1971/08/03.

<sup>99</sup> SMITH, Robert C. - “Ex-voto paintings...”, p. 30.

<sup>100</sup> Conferência de finais de Fevereiro de 1968 - cf. *supra* nota n.º 35.

<sup>101</sup> Carta de R. C. S. (Salvador) para F. G. (Porto), 1969/08/09.

<sup>102</sup> SMITH, Robert C. - “O carácter da tábuas votiva...”, p. 58.

## Repercussão

A atenção votada por Robert Smith, e outros estudiosos, desde o início dos anos 60 e até 1974, à pintura votiva, teria notáveis consequências e logo nessa época.

O próprio historiador americano se dava conta disso e, sem dúvida (como era seu timbre), se ufanava do papel que lhe cabia em tal vanguarda, enaltecendo o “(...) grande acréscimo de interesse pelo assunto que diariamente se verifica em Portugal (...)”<sup>103</sup>. E justamente reivindicando: “O orador principiou por recordar que, em 1966, a Câmara Municipal de Matosinhos lhe fez a honra de editar um livro com o título acima mencionado, dizendo não ter conhecimento de outro livro que trate deste assunto. Subsequentemente, têm aparecido vários artigos seus acerca deste tema de tábuas votivas, que constantemente está despertando mais interesse entre o público culto português”<sup>104</sup>.

Na verdade (e mesmo não nos sendo permitido agora abordar o confronto com a situação prévia), registre-se que ao longo daquela década e meia se sucederam estudos e exposições: “Ultimamente, tem-se realizado uma série de exposições subordinadas ao tema do ex-voto, sendo especialmente digna de atenção, pela excelência do seu catálogo ilustrado, uma dedicada a quadros de assuntos marítimos (...)”<sup>105</sup>; (...) several exhibitions of ex-votos have recently been held in connection with ethnological conferences”<sup>106</sup>.

Mesmo referências mais organizadas<sup>107</sup> ou apenas pontuais em trabalhos de diversa índole<sup>108</sup>, ou catálogos de colecções não específicas<sup>109</sup> e álbuns<sup>110</sup>, obviamente-

<sup>103</sup> IDEM - “Duas tábuas votivas...”, p. 121.

<sup>104</sup> Conferência de finais de Fevereiro de 1968 - cf. *supra* nota n.º 35.

<sup>105</sup> SMITH, Robert C. - *Pinturas de ex-votos existentes...*, p. 6. Vd. também: *Exposição de Ex-Votos* [Catálogo]. Matosinhos: Comissão Municipal de Turismo de Matosinhos (organizada pela), 18 de Junho a 3 de Julho de 1960; *Exposição de Ex-Votos Marítimos* [Catálogo]. Matosinhos: Comissão Municipal de Turismo de Matosinhos (promovida pela), Junho de 1963; [FERREIRA, J. A. Pinto] - *O Rio e o Mar na vida da Cidade (Exposição Documental). Realizada na tradicional Casa do Infante e promovida pela Câmara Municipal do Porto, por intermédio do Gabinete de História da Cidade, para comemorar a inauguração da ponte da Arrábida*. Roteiro. Porto: Câmara Municipal do Porto, Junho de 1963; ARAÚJO, José Rosa de - *Viana, Terra de Mar*. Catálogo. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, Janeiro de 1972.

<sup>106</sup> SMITH, Robert C. - “Ex-voto paintings...”, p. 30.

<sup>107</sup> SILVA, Maria Madalena de Cagigal e - “Quadros Votivos”, *A Arte Popular em Portugal* (direc. de Fernando de Castro Pires de Lima), vol. II. Lisboa: Editorial Verbo, 1960, pp. 106-114.

<sup>108</sup> LANHOSO, Adriano Coutinho - “A Capela do Senhor e Senhora da Ajuda, de Lordelo do Ouro”, *O Tripeiro*, 6.ª série, ano 2, n.º 3. Porto: Março de 1962, pp. 69-75; ARAÚJO, José Rosa de - *Memória da Capela de Nossa Senhora da Agonia*. S/l [Viana do Castelo]: Confraria de Nossa Senhora da Agonia, 1963, pp. 54-59; ALVES, Alexandre - *Novas achegas para a História da Arte na Diocese de Viseu*. Viseu: Assembleia Distrital de Viseu, 1971, p. 78.

<sup>109</sup> *Catálogo do Museu de Martins Sarmento. Secção de Etnografia*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1967.

te de qualidade desigual, foram em larga medida muito aproveitáveis ao avanço dos conhecimentos. Cremos até que o próprio Smith, centrado, tanto quanto a Portugal e Brasil como em relação à arte europeia e norte-americana, em outras matérias, não terá podido ter conhecimento (e menos ainda proveito... como talvez desejasse) de tão grande número de contribuições: citemos, entre várias outras, as de Carlos da Silva Lopes<sup>111</sup>, Carlos Lopes Cardoso<sup>112</sup>, Ernesto Soares<sup>113</sup>, Eurico Gama<sup>114</sup>, Luís Chaves<sup>115</sup> e Alberto Iria<sup>116</sup>.

Visível foi também o impacte deste trabalho cultural sobre o colecionismo e as movimentações comerciais, logo se sentindo, bem a propósito, a preocupação patrimonial dos que não engeitavam responsabilidades: “No *Macarronete* estão à venda duas curiosas caixas de esmolas, mas não de *alminhas*, pintadas e bonitas (sem figuras). Interessam-lhe? Sem que eu abordasse tal assunto, a mulher do dito *Macarronete* (salvo seja!) falou-me na série de *milagres* que desejam conseguir para o meu Amigo; o pároco quer vendê-los (sempre o mesmo...), porém o povo não deixa!”<sup>117</sup>.

Embora não sendo essas áreas as da sua formação e actividade, Smith estava ciente de quanto o seu estudo vinha fundamentar ainda mais a exigência de medidas de preservação, conservação e restauro: “Further study is needed and, even more, a concerted campaign to preserve these small paintings, which are

<sup>110</sup> LAPA, Albino - *Livro de Ex-Votos Portugueses*. Lisboa: s/n [edição do Autor], 1967.

<sup>111</sup> LOPES, Carlos da Silva - “Sugere-se uma exposição temporária de ex-votos militares (comunicação na 3.ª Reunião dos Conservadores dos Museus e Palácios Nacionais)”, *Museu*, 2.ª série, n.º 5. Porto: Círculo Dr. José de Figueiredo, Agosto de 1963, pp. 55-59; IDEM - “Quatro tábuas votivas dadas por Rocha Peixoto ao Museu Municipal do Porto”, *Boletim Cultural Póvoa de Varzim*, vol. III, n.º 2. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1967, pp. 209-219.

<sup>112</sup> CARDOSO, Carlos Lopes - “Duas tábuas votivas de Cete”, *Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, 4.ª série, n.º 14. Lisboa: Junho de 1965, pp. 44-48.

<sup>113</sup> SOARES, Ernesto - “Breve notícia de milagres / ex-votos relacionados com o Rio e Barra do Douro”, *Boletim Cultural*, vol. 28, n.º 1-2. Porto: Câmara Municipal do Porto, Março-Junho de 1965, pp. 5-14.

<sup>114</sup> Depois do capítulo próprio inserto na monografia (cf. *supra* nota n.º 27), já em 1968 preparava Eurico Gama, Director da Biblioteca Municipal de Elvas, um estudo sobre a importantíssima colecção do santuário do Senhor Jesus da Piedade - cf. LOPES, Carlos da Silva - “Algumas peças de mobiliário nas tábuas votivas portuguesas”, *O Primeiro de Janeiro*, n.º 1023, Porto, 3 de Novembro de 1968. Deste trabalho viria apenas a ser editado o primeiro volume: GAMA, Eurico - *Os Ex-Votos da Igreja do Senhor Jesus da Piedade de Elvas*, vol. I. Braga: s/n [edição do Autor], 1972.

<sup>115</sup> CHAVES, Luís - *Na arte popular dos ex-votos - Os “milagres”*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1970 (sep. da *Revista de Guimarães*, vol. 80).

<sup>116</sup> IRIA, Alberto - *Ex-Votos de Mareantes e Pescadores do Algarve (Religião & Náutica)*. Lisboa: Centro de Estudos de Marinha, 1973.

<sup>117</sup> Carta de F. G. (Póvoa de Varzim) para J. R. (Portalegre), 1966 / 02 / 21 - cf. MARQUES, João Francisco - *Ob. cit.*, p. 119. A alcunha refere-se a Dinis Marques Carneiro por ser filho (e concorrente...) do já mencionado Joaquim Gonçalves Carneiro, conhecido por “Macarrão” - cf. IDEM - *Ibidem*, p. 55.

rapidly disappearing from the churches (...) <sup>118</sup>; Escrevi, há tempo, um livrinho sobre tábuas votivos, que a Câmara de Matosinhos me fez a honra de editar. (...) Subsequentemente, a S.<sup>ta</sup> Casa daquela vila nortenha, que é dona desta bela colecção, mandou limpar os vários quadrinhos (...) <sup>119</sup>; Conserva-se o quadro no seu caixilho original ornado de restos de xarão, que, como a própria pintura, está bastante estragado” <sup>120</sup>.

Em outro plano, devemos sublinhar a difusão internacional da apreciação dada por Smith à pintura votiva portuguesa. Ela contou, pelo menos, com o facto de um dos seus artigos ter sido publicado em língua inglesa: “Acabo de escrever mais um artigo sobre tábuas votivas, desta vez para a nova revista da Sociedade Portuguesa-Americana de Nova Iorque (...)” <sup>121</sup>.

Noutros casos, valia o sentido de oportunidade, sem descanso elaborado e manifestamente alheio a supostas casualidades...: “Escrito já em 1965, (...) o trabalho do emérito Professor da Universidade da Pensilvânia e do Museu de Winterthur (...) só pôde ser publicado agora, por felicíssima coincidência, à data da abertura do VI Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, na Universidade norte-americana de Harvard (...) acontecimento de transcendental vulto onde se estudarão aspectos da civilização luso-brasileira, pluricontinental por natureza, presença ao demais justificada ainda pelo facto do Prof. Robert C. Smith ser uma das mais qualificadas figuras directivas do referido Colóquio” <sup>122</sup>.

E ainda mais pesou, sem dúvida, a breve mas inovadora <sup>123</sup> menção contida em *The Art of Portugal*, no contexto, aliás, de valorização de outras categorias (e autores) da nossa *folk painting* setecentista - sobretudo, no retrato e na decoração - e como que dando, sucinta mas bravamente, como fez com frequência em diversas outras áreas de trabalho e dentro da generosa prospectividade do seu labor, alguma resposta a um anseio que já lhe adivinháramos: “Nas igrejas de Portugal existe um notável acervo de pintura popular, dos mais ricos da Europa. Inclui, entre outros elementos, os ex-votos (...)” <sup>124</sup>.

A importância daquela menção mede-se, porém, decisivamente, quando se evidencia o sentido global do projecto: “Quanto ao livro, estou a recompor os

<sup>118</sup> SMITH, Robert C. - “Ex-voto paintings...”, p. 30.

<sup>119</sup> IDEM - “Duas tábuas votivas...”, p. 117.

<sup>120</sup> IDEM - *Ibidem*, p. 120.

<sup>121</sup> Carta de R. C. S. (Filadélfia) para F. G. (Porto), 1967/02/01.

<sup>122</sup> SEABRA, Manuel - “Prefácio” cit., p. 4.

<sup>123</sup> Que saibamos, apenas outro investigador ousou, entre nós (à distância de mais de três décadas...), considerar uma pintura popular votiva como digna de figurar numa obra de carácter geral - cf. DIAS, Pedro - *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822). O Espaço do Atlântico*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1999, p. 326.

<sup>124</sup> SMITH, Robert C. - *Pinturas de ex-votos existentes...*, p. 5.

capítulos, polindo-os etc. Estou cada vez mais satisfeito, porque vejo que o livro está cheio de ideias novas, a única justificação aliás, e que representa o primeiro esforço de ligar estilisticamente as manifestações nas diferentes artes, em Portugal<sup>125</sup>; (...) Vai ser uma novidade, não há dúvida alguma, pois está cheio de descobertas e observações novas<sup>126</sup>; (...) Chegaram ontem os primeiros exemplares do meu livro de Londres e devo dizer-lhe que estou muito satisfeito com os resultados. Há duas ou três estampas a cores que não agradam, mas a qualidade do resto é boa e o efeito geral do livro impressionante. Dá uma impressão de grande força de vida, talvez de mais na realidade, mas que oferece imenso contraste com a situação de hoje em dia<sup>127</sup>; (...) Oxalá que seja bem recebido”<sup>128</sup>.

*The Art of Portugal* esteve longe de passar despercebido no nosso país: “O livro de Londres vende-se bem aqui, a Casa Buchholz tendo disposto de mais de 50 exemplares (...)”<sup>129</sup>. Mas de facto a aposta do autor estava na circulação internacional: “(...) a venda em Portugal será pouca em relação com os países de fala inglesa”<sup>130</sup>.

Este livro, editado na Europa<sup>131</sup> e logo depois na América, seria na verdade justamente acolhido: “Tenho quase diariamente cartas congratulatórias de colegas de aqui a respeito de *The Art of Portugal*”<sup>132</sup>. Tanto quanto fora, aliás, pensado e apoiado estrategicamente como veículo destacado da afirmação cultural do nosso País no estrangeiro, em contexto histórico de forte isolamento.

## Conclusão

Embora limitadas em número e extensão, as contribuições de Robert C. Smith foram determinantes para a evolução do estudo da pintura votiva portuguesa. Posicionando-se indiscutivelmente no campo da História da Arte (quer do ponto de vista iconográfico, quer do ponto de vista estilístico, e daí apontando às vertentes social, cultural e mental), convém atender à indiferença segura com que o grande cientista saltava as formais fronteiras disciplinares, conforme as circunstâncias que ladeavam a necessidade de uma intervenção sempre urgente, insistindo, mau grado o enorme envolvimento em projectos de uma outra escala, nesse “(...) assunto que, nos últimos anos, está obtendo uma importância cada

<sup>125</sup> Carta de R. C. S. (Filadélfia) para F. G. (Póvoa de Varzim), 1966/03/31.

<sup>126</sup> Carta de R. C. S. (Filadélfia) para F. G. (Póvoa de Varzim), 1966/04/18.

<sup>127</sup> Carta de R. C. S. (Glen Moore) para F. G. (Porto), 1968/09/11.

<sup>128</sup> Carta de R. C. S. (Filadélfia) para F. G. (Porto), 1966/03/31.

<sup>129</sup> Carta de R. C. S. (Lisboa) para F. G. (Porto), 1968/12/27.

<sup>130</sup> Carta de R. C. S. (Filadélfia) para F. G. (Póvoa de Varzim), 1966/04/18.

<sup>131</sup> London: George Weidenfeld and Nicolson Ltd., 1968.

<sup>132</sup> Carta de R. C. S. (Filadélfia) para F. G. (Porto), 1969/02/05.

vez maior nos estudos da história social do país<sup>133</sup>; Realizou-se mais uma sessão de estudos de etnografia, no Museu de Etnografia e História do Porto, sob a presidência do seu Director, Dr. Fernando de Castro Pires de Lima. Foi conferente o Prof. Robert C. Smith (...)”<sup>134</sup>.

Aquelas contribuições ostentam as esperadas competência e inteligência criativa. Mas, não menos, o seu amor pelas nossas coisas, autêntico e exemplar: “Mandaram-me de Matosinhos 60 exemplares das táboas votivas, e, para celebrar a remessa, escrevi uma comunicação acerca de mais duas (...)”<sup>135</sup>.

Nessa atitude, e sem exceder os limites da matéria a que sempre aqui nos obrigámos, é justo frisar que não esteve só: “Quanto ao seu desejo de ver o meu trabalhinho das táboas votivas, fique descansado. O director da revista prometeu mandar um exemplar ao meu amigo e vários outros *aficionados* do assunto (...)”<sup>136</sup>.

Esta difusão, informal mas selecta, teve evidentemente influência na promoção do tema votivo nos meios cultos do País: “Saiu de aqui, há pouco, o nosso excelente Amigo Senhor P.º João, que me trouxe notícias de outros amigos, e me perguntou se eu recebera o trabalho do Smith. Sim, recebi este opúsculo (?), e com ele passei uma bela tarde. Ainda outras me fará passar (gosto de confrontar vagarosamente, em obras desta natureza, as descrições dos autores com as respectivas estampas), além de vir enriquecer a minha modestíssima biblioteca da especialidade. Esta frase um tanto acaciana diz aqui rigorosamente o que pretende dizer<sup>137</sup>; (...) E as suas antiguidades? O Prof. Robert Smith publicou nos Estados Unidos mais um trabalho sobre tábuas votivas. Vai-mo mandar, e depois lho mostrarei<sup>138</sup>; (...) Enquanto lhe não mando a separata sobre o Menino Jesus<sup>139</sup>, envio-lhe esta revista americana onde o Smith revelou algumas tábuas votivas de Vila do Conde (...)”<sup>140</sup>.

<sup>133</sup> SMITH, Robert C. - “Alguns Ex-Votos...”, p. 167.

<sup>134</sup> Conferência de finais de Fevereiro de 1968 - cf. *supra* nota n.º 35.

<sup>135</sup> Carta de R. C. S. (Filadélfia) para F. G. (Porto), 1966/10/26.

<sup>136</sup> Carta de R. C. S. (Filadélfia) para F. G. (Porto), 1967/06/16.

<sup>137</sup> Carta de J. R. (Lisboa) para F. G. (Porto), 1966/12/27 - cf. MARQUES, João Francisco - *Ob. cit.*, p. 132. Nesta carta do escritor e coleccionador ao historiador de arte é mencionado o autor da exaustiva e profunda “monografia de uma amizade”, sendo fácil, atendendo à data e ao teor da referência, identificar o texto de Robert Smith em causa como sendo o ensaio de Matosinhos.

<sup>138</sup> Carta de F. G. (Porto) para J. R. (Vila do Conde), 1967/09/03 - cf. IDEM - *Ibidem*, p. 142.

<sup>139</sup> Refere-se a GONÇALVES, Flávio - *O vestuário mundano de algumas imagens do Menino Jesus*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1967 (sep. da “Revista de Etnografia”, n.º 17).

<sup>140</sup> Carta de F. G. (Porto) para J. R. (Vila do Conde), 1967/11/28 - cf. MARQUES, João Francisco - *Ob. cit.*, p. 149.

E ainda neste ponto a acção, directa e indirecta, de Flávio Gonçalves (e de outros estudiosos, diga-se, alguns dos quais mereceriam atenção especial que aqui já não cabe) nos surge confirmada.

Em seu tempo, o tremendo *amor aplicado* de Smith a estas imagens vívidas de comum cultura “lusitana” - como os brasileiros acertadamente adjectivam esta categoria votiva cénica, distinguindo-a entre as diversas, e notáveis, que possuem - mereceu, de facto, muita e multiforme receptividade e mesmo o maior louvor, talvez porque era já indesmentível o alcance da sua herança.

Encontramos nela, repare-se, no último parágrafo do último texto dedicado a esta matéria que examinamos, já não a ânsia positivista de ver o passado do móvel ou do traje através da memória votiva. Mas antes o reconhecimento honesto, convicto e empolgado (e por que não?) da trans-contextualidade de símbolos e valores estéticos de raiz popular: “Daí vem, em grande parte, o poder estético da tábua votiva como símbolo cultural, que profundamente nos comove. A pintura de ex-voto, como a imaginária de barro ou madeira, seduz porque vem directamente da vida do povo e fala com a força da autenticidade e a vitalidade perene da arte popular. Expressão efectivamente terminada com o fim de Oitocentos, merece, além dos seus valores histórico-sociais, um lugar importante na história da arte luso-brasileira por ter abrigado e nutrido no passado qualidades de abstracção e estilização universalmente presentes em todos os ramos da arte de hoje em dia”<sup>141</sup>.

<sup>141</sup> SMITH, Robert C. - “O carácter da tábua votiva...”, p. 61.

AGOSTINHO ARAÚJO